

MARTOS, Eloy Nuñez; MARTOS, Alberto García. **Memorias y mitos del agua em La Península Ibérica**. Madrid: Rustica, 2011.

Tatiane Portela Vinhal
Mestranda do PPGE- FCT/UNESP
Bolsista Fapesp

Introdução

Os mitos e lendas permeiam e habitam o imaginário de uma sociedade. Porém, ao se aprofundar sobre as figuras míticas, aquilo que parecia ser mais uma história incrível contada pelos anciãos, atravessou o tempo, passando da oralidade à escrita. Os registros desses contos revelam mais que a imaginação de um povo, eles mostram a cultura e a maneira que uma comunidade se relaciona com a natureza, suas crenças e valores. Assim, uma leitura mais atenta e crítica desses mitos se faz necessária para conhecer os valores culturais que emergem em uma comunidade.

Nesse sentido, o livro *Memorias y mitos del agua em la Península Ibérica*, de Eloy Martos Nuñez e Alberto Martos García (2011), pretende, como o próprio título alude, debruçar sobre os mitos e a memória da Península Ibérica, especificamente aos que se referem à água. Ao leitor, inicialmente, deve ser alertado que tão complexa quanto a Península, constituída por cinco países, Espanha, Portugal, França, Andorra e Gibraltar, é também o seu imaginário, sua cultura e as diversas manifestações populares. Essa riqueza mítica fica evidente ao longo da leitura e para torná-la mais elucidativa, os autores a dividiram em quatro partes.

Sendo assim, na primeira, encontram-se as bases teóricas do estudo. Além dos conceitos que são fundamentais para o entendimento do tema, os pesquisadores trazem exemplos de lendas e alguns tipos ou personagens que habitarão os mitos e outras histórias, e que, portanto, também formarão a memória peninsular. Dessa forma, nesse universo encontram-se as serpentes e as divindades com seus poderes, bem como os locais em que se manifestam e as múltiplas representações que a água e seus mitos adquirem nas diversas regiões da Península.

A segunda parte trata das tradições míticas da Península, dando atenção às porções norte, ocidental e oriental. Para cada ponto da Península Ibérica, estudado é preciso levar em conta a toponímia, importante índice da influência, seja ela linguística, cultural, social e

religiosa e que deixou reflexos em suas lendas e no imaginário de uma comunidade.

A terceira parte apresenta estudos de casos e temas transversais. Dessa forma, encontram-se personagens das muitas lendas que possuem forma hidro ofídica e em que a água, lagos, ribeirões figuram como espaço. Nessas narrativas são evocados dragões, serpentes, diabos, cavaleiros, virgens negras, damas brancas, entre outras criaturas.

Por último, defende-se uma nova hermenêutica para se entender a hidro mitologia. De maneira corajosa, os autores fazem uma releitura e elaboração atualizada dos mitos. Aproximando a temática do livro com o universo contemporâneo. Atualmente, a apropriação dos mitos e lendas é feita pela Indústria Cultural, exemplos disso são os filmes: Avatar e Fúria dos Titãs, que obtiveram bons lucros nas bilheterias de cinemas do mundo todo.

Por meio da análise de elementos que habitam a memória da Península Ibérica e trazendo-os para os dias de hoje, os autores mostram que os mitos, as divindades fantásticas e mágicas resistem e fazem parte não só de uma região, mas de um coletivo, passando por adaptações e novas roupagens em cada localidade. Dessa forma, os estudiosos demonstram a importância que pesquisas desse tipo têm para que se entenda a sociedade, seus costumes e cultura, e que apesar da Globalização, as comunidades tendem a preservar o que é regional e particular, porém o resultado disso não escapa da miscelânea que homem atual vivencia.

Apresentação das figuras míticas e conceitos

Martos Núñez e Martos Garcia (2011, p.7) afirmam que os símbolos apresentam uma ambivalência, ou seja, podem representar o bem e o mal. Exemplo disso são as pragas ou maldições que, atualmente, têm seu sentido atrelado à agricultura e é utilizada pejorativamente. No entanto, elas também podem ter conotação positiva, como demonstram os autores.

Revelada a dualidade de alguns mitos, os autores expõem alguns conceitos, como o do mito agonal (MARTOS NÚÑEZ; MARTOS GARCIA, 2011), caracterizado por ser uma saída para a dualidade entre civilização e natureza. Esse conflito que parecia irresolúvel encontra a solução numa visão alternativa, expressa também pelos contrários: o encantamento e o seu inverso. Dessa maneira, o mito permite a reconciliação e a convivência dos opostos.

As jornadas, frequentemente presente nos mitos, podem se relacionar com a santidade e com as suas várias formas de representação.

Apesar dos textos de mitos e lendas serem simples e apresentarem narrativa linear,

exigem uma hermenêutica intensa e ponderada, é dizer, uma leitura entre linhas que excede o *literalismo*. A função dos textos é interrogar. Interrogar-se uns aos outros (intertextualidade), interrogar-nos a nós mesmos sobre o seu sentido, construindo uma leitura aberta, isso inclui configurar todo o texto como um grande enigma ou interrogador, a favor de sua construção (MARTOS NÚÑEZ; MARTOS GARCIA, 2011, p. 10, tradução nossa).

Assim, outro dualismo presente no imaginário da Península a respeito da cultura da água é a sua transição a cultura popular e a letrada. Todavia, o mito não escapa da luta de classes, e ao ser apropriado pela classe letrada, essa nubla o entendimento que as camadas populares possuem do mesmo.

Conceitos para se estudar os mitos

Um dos objetivos do estudo proposto é o de identificar os ecotipos míticos da Península Ibérica relacionados à cultura da água. Eles estão presentes na descrição das lendas e são uma maneira de enfrentar o localismo extremo de um lado e a história de outro. Dessa forma, os ecotipos são narrações que persistem com diversos disfarces, em uma área de influência, seja numa região ou em outra localidade caracterizada por traços naturais e/ou histórico, como ocorrem com territórios ribeirinhos, fluviais, vales, etc.

No intuito de explicitar as ferramentas que serão utilizadas para o estudo da cultura da água, Martos Núñez e Martos Garcia (2011, p. 154, tradução nossa) afirmam que:

Sobre a infinidade de histórias e tradições, sobre a “ilusão” desta multiplicidade às vezes esquiva, tratamos de encontrar traços suficientes para delimitar um costume, uma crença, um tipo de prodígio que pode ser descrito como um padrão que permanece no tempo e no espaço.

Por meio dessa assertiva, os autores defendem a leitura e análise de tais mitos e lendas mediante etnotextos. Com esse procedimento, a reconstrução e o estudo dos etnotextos extrapolam a função acadêmica, adquirindo assim uma função social, já que essas histórias “têm uma dimensão importante na educação, na cultura e no mundo dos jovens, como parte da chamada indústria de entretenimento” (MARTOS; MARTOS, 2011, p. 154-155, tradução nossa).

Logo, mais do que resgatar lendas da cultura da água, Martos Núñez e Martos Garcia (2011) propõem uma discussão a respeito desses elementos do imaginário que ainda se fazem presentes, uma vez que estão na pauta da Indústria Cultural. Prova disso é a grande quantidade de filmes que tratam de mitos ou de criaturas imaginárias.

Portanto, debruçar sobre a cultura mítica exige rigor nos procedimentos metodológicos e definição teórica. Martos Núñez e Martos Garcia (2011) partem da geografia mitológica da Península, e por meio de alguns traços, caracterizam a dualidade entre o oriente e o ocidente. Segundo eles, a Península é “dividida por uma bissetriz imaginária”: em que há a área de influência indo-européia e a área ibérica. Essa linha, conforme os autores, separa o Noroeste mais arcaico, sendo que o Sudeste é muito mais mestiço.

Uma pista para estudar essas regiões é a *hidronímia* que partindo dos estudos que Krae propõe (1964 apud MARTOS; MARTOS, 2011, p. 155) a teoria de que houve uma língua européia antiga comum em todo o continente por meio dos *hidrónimos*, isto é, os rios além de constituírem aspectos geográficos das localidades, também serviam como fator de unidade linguística.

A Teoria da Continuidade Paleolítica disserta que um rio é um elemento de atração de comunidades muito distintas, mas que apresentam alguns esquemas estáveis, como: o aspecto de seus canais, o povoamento de seu ribeirão, a fauna e flora circundantes. No caso da Península, isso é de uma variedade tão diversa que chega a fragmentar as paisagens mediante uma orografia (descrição das montanhas) complicada. Os autores propõem que, historicamente, isso gerou espaços de povos errantes, como os Duero e os Ebro.

As serpentes habitam a região peninsular e nas lendas em que são personagens, quanto mais se deslocam para o Sudeste mais o espaço e a paisagem do espaço da narrativa mudam. Não são apenas as paisagens que alteram conforme a localidade, os personagens míticos e lendários em torno dos rios do Ocidente também se modificam, figurando ninfas, *damas blancas* e virgens, que servem como guias para um caminho ou para a vitória. Já nas águas do Oriente, há outros substratos do seu folclore, tais como o fogo, os diabos e *encantadas*. Enquanto, a porção Noroeste da Península apresenta em suas representações, dragões e serpentes estampados em brasões, escudos, bandeiras e emblemas. Esses animais, segundo essas histórias, golpeiam ou movem a terra, portanto eles simbolizam uma força cosmogônica, em que a religião explica a origem fundamental de criação/destruição do mundo.

Conforme os autores (2011, p. 161, tradução nossa), “dragões, touros, javalis são animais emblemáticos na Península Ibérica e podem ser tomados como animais objetos de

culto por diferentes povos que habitaram a Península”. As figuras ofídicas, como se nota, estão no imaginário da Península Ibérica e ora elas aparecem como seres benévolos, ora como malignos. Elas possuem ligação com o bem, quando nas lendas surgem como guardiões de tesouros, e dessa maneira, aparecem as serpentes, lagartos e outros répteis tutelares de grutas, montanhas, covas onde existem tesouros mágicos.

Mas, o cristianismo foi o responsável por evidenciar o lado maléfico dessas criaturas. Nas histórias religiosas elas surgem como senhoras e deusas do lugar, entrando em conflito com os poderes divinos, adquirindo, então, um caráter irreconhecível, como na Lenda de São Jorge e o Dragão.

No Noroeste da Península Ibérica, as serpentes são encontradas em lendas e festas populares, como na tradicional Festa das Espadas, que acontece durante o *Corpus Christi*, em Rendodela. Essa dança tradicional representa o duelo com o dragão, além de evidenciar os vestígios do patrimônio cultural do folclore.

A manifestação das lendas e mitos não se dá em qualquer lugar. Elas acontecem em locais especiais, esses são lugares de memória. Logo, acerca deles paira uma áurea de magia. Os encaves mágicos são como chácaras ou centros espirituais. Assim, na Península, encontrar-se-ão deuses genéricos ou deuses menores, locais, *genius loci*. Eles são vinculados a alguns lugares geográficos e terão nomes singulares. Consoante algumas teorias, esses lugares são centros energéticos, podendo ser positivos ou negativos. Assim, nos positivos constroem-se igrejas, já os negativos são esquecidos ou se tornam proibidos, o que mais tarde explica os lugares denominados malditos em algumas comunidades. Entre os lugares mágicos, Martos Núñez e Martos Garcia (2011) mencionam Compostela. Vale ressaltar o significado de conhecimento interior que pesa sobre o Caminho de Santiago de Compostela.

A adjetivação desses locais como mágicos deriva da crença que neles houve a manifestação do sagrado. Ou seja, eles “funcionam” como ponte entre os dois mundos (o real e o encantado) e que por isso, tornam-se templos. Entre esses lugares estão: bosques, água, montanha, todos esses representados por símbolos animistas, ou da natureza, ou deuses menores. Consequente a esses espaços mágicos, estão os seus habitantes. São eles: sereias, lavadeiras, encantadas, damas da água e outras divindades.

As divindades aquáticas são caracterizadas por duas origens: as de tradição clássica, consideradas deusas menores; e as de proveniência humana, que adquiriram o poder por meio de alguma maldição ou encanto. Como é o caso das sereias, que obtiveram essa forma mediante uma maldição materna. Destaca-se que divindades de origem humana têm um

denominador comum, o de poder habitar os dois mundos (o “encantado” e o “real”). Entretanto, os poderes concedidos a esses personagens foram dados pela natureza.

Outros personagens lendários derivam do imaginário popular. Entre esses, Martos Núñez e Martos Garcia (2011) elencam os mouros e mouras, resultantes do jogo entre o local e o global. Dessa maneira, emerge o conceito de *ecotipos*. Ele se refere a uma categoria geral dos personagens míticos, que mesmo eles sendo fruto de uma região, remetem a padrões universais, mantendo aspectos singulares próprios da localidade de que são originários. As características peculiares dão origem a subcategorias, isto é, avatares, muitas vezes da serpente. Essa figura forma parte essencial do imaginário ocidental galego-português, sendo que, os seres femininos são frequentemente de natureza ofídica.

Diante de tais informações, averigua-se a importância de pesquisar as diversas lendas e mitos nas diferentes regiões da Península Ibérica, uma vez que eles implicam temas transversais.

Uma proposta de leitura sobre os mitos

A hermenêutica configura-se como um estudo da interpretação de textos e é sob essa vertente que Martos Núñez e Martos Garcia (2011) estudam os mitos. Por essa razão, eles não remetem a uma palavra final sobre a leitura das lendas e dos mitos. Ao contrário, o que propõem é que o leitor participe ativamente, refletindo sobre os mitos e lendas não como narrativas desconexas de sua cultura, ao contrário, sobre esses textos recaem as manifestações populares existentes até hoje.

Portanto, os mitos e lendas, considerados muitas vezes mágicos no mundo contemporâneo, dão origem a sentimentos que vão desde o encantamento ao horror. Isso pode ser exemplificado pela figura da serpente. Conforme Martos Núñez e Martos Garcia, ela provoca tanto o medo, quanto a idolatria. Isso ressalta a sua dimensão ambivalente, que pode sugerir oposição, quando na verdade, a “dualidade que busca reconciliação” (MARTOS; MARTOS, 2011, p. 434). Destarte, a serpente que habita a água se transforma em bem ou mal.

Logo, as lendas de encantamento tratam de mitos oraculares, de comunicação com os mortos em que há provações. Nesse contexto, a água é o elemento de justiça, tendo o poder de julgar, adquirindo um caráter severo, pois também castiga o erro. A expiação da culpa é o pano de fundo desses enredos. Enquanto, na forma fabulada a água é um recurso de mediação

da comunidade, em que vincula a violência e o sagrado. O encanto só é quebrado por meio do sacrifício.

Nota-se ao longo da leitura de *Memorias y mitos del agua em la Península Ibérica* que a principal preocupação é com o significado do mito. Para auxiliar nessa busca, o estudo da hermenêutica e suas correntes fazem-se necessários, bem como algumas definições sobre mito. Évero de Mesene defende que o mito é a narração de experiências ou acontecimentos históricos e localizados, sucedidos a reis ou homens, que eram transportados a mundos encantados. Essa visão dá crédito ao mito, já que ele não era desvinculado de um fato real, e se por um lado era fantástico, por outro era verossímil. Frente a essa visão também encontra-se o ateísmo dos sofistas, para quem os mitos não passam de invenção e que para serem entendidos é necessário relacioná-los a símbolos ou outros referenciais.

Em todas as épocas há uma bifurcação no que tange a compreensão dos possíveis significados dos mitos. Para tentar solucionar esse imbróglio, os autores definem duas leituras para os mitos: a *exotérica* que é uma leitura de proximidade; *esotérica* que consiste em ser uma leitura abertas a novos sentidos. A hermenêutica faz uso dessas leituras.

Sob a ótica da hermenêutica literalista, que possui orientação voltada para o histórico, os textos míticos são narrações reais que tenham, no mínimo, uma base histórica. Martos Núñez e Martos Garcia (2011) apontam o movimento *Zeitgeist* como antípoda desse método literalista, dando como exemplo a difusão do cristianismo, que não passa de um mito muito elaborado sobre a base das representações míticas anteriores.

A pós-modernidade, segundo os autores, emaranhou o mito a outros temas por motivos óbvios. Prova disso é a presença dessa temática nos filmes, como Avatar, Fúria dos Titãs, entre outros. Assim, a mitologia é uma coqueteleira de argumentos, temas, acessível a gerações de todas as classes, deixando em suspenso sua credibilidade ou vinculação com a realidade e cada vez mais próxima da ficção.

Portanto, *a priori* a indústria do entretenimento parece impulsionar uma leitura puramente alegórica ou diversionista, ao estilo do que anunciam os créditos dos filmes ‘qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência’ (MARTOS; MARTOS, 2011, p. 439, tradução nossa).

A pós-modernidade se caracteriza por uma inclinação ao reciclado, a uma espécie de neo-barroquismo. Diante disso, basta averiguar a diversidade de releituras de filmes de super-heróis e ainda os que tratam do fim do mundo por catástrofes ambientais ou por forças extraterrestres. Ao combinar astronomia, tecnologia, ufanismo, entre outros assuntos, saem

elaborações conceituais, cujo denominador comum são “teorias conspirativas” e, em algumas situações, apocalípticas.

A interpretação dos mitos veiculadas nas telas de cinema “é um banco de provas das novas práticas culturais” (MARTOS; MARTOS, 2011, p. 441). Logo, pelos mitos resgata-se o passado e a memória, talvez não por meios fidedignos, louváveis, ou ingênuos. Todavia, isso evidencia que mesmo com a ciência, o mito e o folclore perpetuam.

Se a Indústria Cultural se apropria dos mitos, o coletivo também tem a capacidade de criar variações das manifestações folclóricas, produzindo uma diversidade e riqueza. Para Brelich (1970 apud MARTOS; MARTOS, 2011, p. 449), a cultura de massa não está separada da elite no âmbito de uma mesma sociedade. De modo que, as camadas populares podem se apropriar passivamente da cultura da elite mais letrada ou reelaborá-la, inclusive com sentido contrário que possui na classe dominante. “Nesse caso, afirma-se que há uma nova elaboração ativa de materiais lendários de forma substitutiva, e não simplesmente, subsidiária, em contraste com a orientação da elite” (MARTOS; MARTOS, 2011, p. 449, tradução nossa).

Portanto, é necessário saber ler o que há escondido ou está nas entrelinhas do texto. Os autores advertem que “para evoluir na interpretação de um texto não se pode prescindir de um leitor que se aproprie ativamente desse texto imprimindo sua própria formação e seus conhecimentos” (MARTOS; MARTOS, 2011, p. 461, tradução nossa). Porém, uma pergunta inquieta: quem e o que leva à interpretação?

Na tentativa de responder essa questão, alguns teóricos são evocados. Para Fuchs e Ebeling (apud MARTOS; MARTOS, 2011, p. 461), é o texto que interpreta a existência, enquanto segundo Bultmann (apud MARTOS; MARTOS, 2011, p. 462), é a existência que interpreta o texto, de modo que tudo o que não se refere a nossa existência resulta no mítico. Já a Nova Hermenêutica prescreve que “o texto reflete uma experiência e é essa que se tem que buscar” (MARTOS; MARTOS, 2011, p. 462, tradução nossa).

Esse último comportamento é o que se sugere ao leitor diante desse título espanhol. Para tanto, o interlocutor brasileiro deve fazer um resgate dos seus conhecimentos de lendas e folclores nacionais e constatar que existem neles semelhanças com os europeus. Atentando-se à Indústria Cultura, ele perceberá a presença frequente dos temas fantásticos que remetem às lendas. Essa atitude, além de facilitar a compreensão sobre o tema, aproxima as culturas e produz, como os autores apontam, o fenômeno de outra elaboração ativa dos materiais lendários.